
A PRESENÇA DA IGREJA ORTODOXA SIRÍACA DE ANTIOQUIA¹ NO BRASIL: AUTOCOMPREENSÃO, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

The presence of the Syriac Orthodox Church of Antioch in Brazil: self-understanding, perspectives and challenges

Celso Kallarrari²

“Então, Barnabé foi a Tarso procurar Saulo e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos” (At 11, 25-26).

RESUMO: Buscaremos, na discussão desta mesa redonda do *I Simpósio Nacional de Teologia Oriental*, apresentar aspectos da autocompreensão, perspectivas e desafios da Igreja Ortodoxa Siríaca no Brasil. Para tal propósito, situaremos a Igreja Ortodoxa Siríaca, desde os primórdios de sua chegada ao Brasil, final do século XIX, com as imigrações sírio-libanesas e, mais recentemente, na segunda década do século XX, mais propriamente, entre os anos 50 a 60, quando muitos tiveram de imigrar dos países orientais para a Europa e para as Américas por questões políticas e econômicas. No Brasil, desde a segunda metade do século XX, começaram as primeiras construções dos templos religiosos, desenvolvendo assim, sua teologia, língua e identidade, inseridas dentro da cultura ocidental brasileira, desde a segunda metade do século XX. Em seguida, apresentaremos, a partir dos anos 80, sua abertura à cultura brasileira, dentro da perspectiva de inculturação e evangelização missionária e, conseqüentemente, seus desafios em manter sua identidade frente ao mundo secular e a um Brasil cuja predominância religiosa é, exclusivamente, católica romana.

Palavras-Chave: Igreja Ortodoxa Siríaca, autocompreensão, perspectivas e desafios.

¹ No Brasil, a Igreja Ortodoxa Siríaca manteve seu registro nos cartórios, desde o início da década de 50, como Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia.

² Sacerdote ortodoxo e professor titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Licenciado em Letras, Graduado em Teologia, Pós-graduado em Língua Portuguesa, Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião. E-mail: celsokallarrari@terra.com.br

Historicamente, o cristianismo originou-se na Palestina e difundiu-se rapidamente por todo o Mediterrâneo e, ao final do quarto século, foi reconhecido como a religião oficial do novo império Romano Bizantino. Em seu crescimento histórico, é considerado um movimento unificado, e, apesar de ser multiforme em vários aspectos, foi grandemente vivo e dinâmico em seu desenvolvimento histórico.

O Cristianismo primitivo permaneceu essencialmente indiviso nos primeiros séculos. Seus cinco maiores centros administrativos estavam localizados em Roma, Constantinopla (Istambul), Alexandria (Egito), Antioquia (Síria) e Jerusalém (Israel). A definição da doutrina e normas cristãs foi conseguida através dos grandes Concílios Ecumênicos dos primeiros séculos. Todos os líderes e centros de Cristianismo foram representados nestes Concílios e tomaram parte nas deliberações. É, nesse período, que surgem as divergências teológicas e as Igrejas Ortodoxas Orientais³, ao não aceitar as decisões acerca da definição cristológica do Concílio Ecumênico de Calcedônia, formam um grupo separado do ramo ortodoxo oriental e do ocidental.

No Brasil, de modo particular, a Igreja Ortodoxa Siríaca encontra-se diante de duas realidades. Uma Igreja, denominada de “tradicional”, isto é, Igrejas de Colônias, que, genuinamente, teve origem, na década de 50 a 80, com a imigração dos povos siríacos e outra Igreja, denominada “Missionária”, Igreja voltada aos brasileiros, que teve origem, na década de 80, com os ideais de evangelização de Dom (Mor) Moussa Mattanos Salama e seus ideais de evangelização ao povo brasileiro, a partir da sua experiência na Índia quando lá atuou como missionário. Nesse sentido, nossa proposta, neste texto, é apresentar, a partir dessa realidade *sui generis*, como a Igreja Ortodoxa Siríaca de Antioquia, em terras brasileiras, se autocompreende e quais são suas atuais perspectivas e, conseqüentemente, desafios, no atual mundo contemporâneo. Para tal propósito, buscaremos, a partir de um pequeno histórico da Igreja Ortodoxa Siríaca, suas definições de tradicional e missionária, bem como apresentar sua atual situação e possíveis desafios.

³ Também denominada pelos documentos do Concílio Vaticano II de Antigas Igrejas Orientais por fazer parte, segundo os historiadores, do pequeno cisma cristão. São também chamadas de Igrejas Pré-Calcedonianas, por não aceitar o Concílio de Calcedônia (451 d.C.).

1. A Igreja Ortodoxa Siríaca

Atualmente, a Igreja Ortodoxa Siríaca de Antioquia é dirigida por um grande líder espiritual, Sua Santidade Mor Inácio Zakka I Iwas, Patriarca sírio-ortodoxo de Antioquia e todo o Oriente e seu chefe supremo e universal, uma autoridade em história da Igreja e em diversos assuntos religiosos.

A Igreja Ortodoxa Síria de Antioquia é conhecida como a Igreja mais antiga na história do cristianismo, depois da Igreja de Jerusalém. O idioma siríaco (aramaico) é sua língua oficial porque foi a língua dominante em todo o Oriente por um longo período de tempo. Jesus falava o aramaico (atual siríaco), pois era a principal língua predominante naquele tempo. O domínio geográfico da Igreja se estendeu por toda a Síria, Palestina, Cilícia, mesopotâmia e Pérsia. Por conta da influência desse idioma em toda esta extensão geográfica, ainda é evidente, nos dias atuais, muitos nomes de lugares, de pessoas e de aldeias.

Apesar das dificuldades, intrigas, perseguições e divisões que a Igreja Ortodoxa Síria encontrou durante a sua longa história, ela ainda persiste em todo o mundo. Há cerca de quatro milhões de fiéis sírio-ortodoxos; destes, metade são da Índia, e o restante encontram-se espalhados por todo o mundo.

Atualmente, temos percebido que o cristianismo, no Oriente, de modo especial, o cristianismo siríaco-ortodoxo, na Síria, tem sofrido muito com a guerra, principalmente porque somos a minoria nos países árabes. A Síria, tal qual a conhecemos hoje, surgiu como país independente, no final da Segunda Guerra Mundial. Antes de Cristo, a Síria abrangia a palestina e, conforme o evangelho, esta era chefiada pelo governador da Síria, Quirino (Lc 2, 2). Assim, deu-se origem da Igreja da Síria e das suas duas cidades famosas: Jerusalém e Antioquia. Este território era composto de várias etnias e raças, entre elas, destacamos os aramaicos, assírios, babilônios, fenícios, cananeus, judeus, gregos, etc. Em 194 a. C., os Selêucidas de Antioquia, a Capital da Síria, conquistaram a Palestina dos gregos.

Desse modo, Síria ou Siríaca é uma palavra derivada do país da Síria, apontada como mãe do cristianismo. Os sírios eram descendentes de Arão, filho de Sem, neto de Noé (Gn 10, 1-22). Os sírios nos deixaram como contribuição o alfabeto e a Legislação de Hamurabi, a primeira do mundo. Enquanto os Assírios se destacaram pela sua força física e poder militar, os arameus (aramaicos), nossos ascentrais, se destacaram pela sua cultura, comércio, indústria e língua aramaica, cujo idioma tornou-se, à época, o idioma

de todo o Oriente. De acordo com o historiador e patriarca Miguel Magno (1199), o nome Síria ou Siríaca é derivado do Rei Syrus, da mesma forma que Cilícia vem do Rei Cilício. Ambos eram irmãos arameus, filhos de Arão. Syrus construiu a cidade de Antioquia, reconstruída, no século III (a.C.), por Selêuco. Enquanto Cilício tomou a terra marítima na costa meridional da Ásia, denominada Cilícia, o Rei Syrus conquistou a região Oeste do Eufrates, chamada Síria.

2. O Concílio de Calcedônia: Pequeno Cisma

O Concílio de Calcedônia (451) provocou uma ruptura entre as Antigas Igrejas Orientais que não aceitaram as afirmações de que há em Cristo duas naturezas em uma só pessoa. A concepção das Antigas Igrejas Orientais não era negar nenhuma das naturezas (divina ou humana), mas afirmar que, depois da encarnação, o elemento divino e o humano de Cristo unem-se numa só natureza. Essa fórmula própria de entender o processo da encarnação de Cristo, provocou um pequeno cisma, isto é, a separação de um dos ramos mais antigos do cristianismo primitivo (as Antigas Igrejas Orientais) daqueles que afirmaram o Concílio de Calcedônia. Por terem rejeitado esse concílio, essas Igrejas foram, no transcorrer dos tempos, chamadas de pré-calcedonianas e, erroneamente, acusadas de serem também monofisistas por não concordar com as fórmulas calcedonianas. Com o advento do Concílio Vaticano II e as declarações mútuas e acordos cristológicos celebrados na segunda metade do século XX, novos entendimentos relativos às controvérsias e desentendimentos cristológicos do passado foram interpretados como diferentes modos de expor a doutrina cristológica e possibilitou um caminho do diálogo religioso, a partir das comissões mistas de ambas as tradições.

No passado, as Antigas Igrejas Orientais foram perseguidas duramente pelo Imperador, principalmente porque eram ameaças ao Império Bizantino, uma vez que elas adquiriam, no decorrer dos tempos, tendências nacionalistas, opostas ao helenismo. “Durante esse reinado que se consolidou a Igreja monofisita da Síria, por obra de um bispo, Jacó Baradai, protegido pela Imperatriz Teodora, de tendência monofisita. Daí a denominação tradicional de Jacobitas que os sírios orientais receberam injustamente. Alguns achavam que se tratava de um monofisismo moderado, do qual se pode duvidar que negasse realmente a dupla natureza de Cristo. Entretanto, os sírios ortodoxos orientais, presentes na Síria e no Líbano, cujas comunidades são, tradicionalmente descendentes do desempenho de Jacob Baradai, nunca assumiram e “nem admitem a

denominação de “monofisitas”, mas se chamam a si mesmas “orientais ortodoxos” (HORTAL, 1989, p. 24-25).

No século VII, a situação se agravou, pois os muçulmanos ocuparam a Palestina, a Síria e o Egito, impedindo a ação de Bizâncio em prol da ortodoxia nesses países. Em consequência, os cristãos não calcedonianos, injustamente acusados de monofisistas, foram constituindo Igrejas nacionais: a armenia, a síria, a mesopotâmica, a egípcia e a etíope, que subsistem até hoje.

Na Síria e nos países vizinhos, os ortodoxos pré-calcedonianos foram chamados de jacobitas, nome derivado de um dos seus primeiros chefes: Jacob Baradai⁴ (= o homem da coberta de cavalo, alusão às suas vestes maltrapilhas). A Igreja Ortodoxa Síriaca foi consolidada pelo bispo Jacob Baradai, que, durante as perseguições do Império Bizantino, fora protegido pela Imperatriz Teodora, originando, daí, o nome “Jacobitas” que os sírios orientais receberam, porém nunca aceitam, pois não admitem a origem da Igreja nessa época e muito menos por Jacob Baradai e, conseqüentemente, o nome “monofisita”, mas se autodenominam “orientais ortodoxos”. Dessa forma, a sobrevivência da Igreja Ortodoxa Síria deve-se a Jacob, bispo de Edessa (541-578) que trabalhou com zelo e êxito para consolidar as pequenas comunidades perseguidas.

No século VI, o bispo de Edessa, Jacob Baradai, ordenou muitos bispos e sacerdotes que continuaram firmes na fé daqueles que rejeitaram o Concílio de Calcedônia como uma forma de oposição ao Império. Em consequência disso, a Igreja de Antioquia começou a ser conhecida como “jacobita” pelo mundo ocidental, com sua própria liturgia e suas próprias tradições. Adotou como língua oficial da religião o idioma siríaco⁵ (aramaico moderno) que foi bastante usado pelo povo comum. Outras comunidades foram estabelecendo-se fora do Império Bizantino, mas concretamente na região da Persa.

A conquista do território pelo Império Persa, e mais tarde pelos Árabes, terminou com a perseguição exercida pelos bizantinos, criando as condições desfavoráveis para o

⁵ Siríaco (Leshana Suryaya) é uma língua do aramaico Oriental uma vez que foi muito falada em todo o oriente Médio antigo. Foi uma grande língua literária em todo o Oriente Médio a partir do segundo até o oitavo século d. C. Na sua definição mais latente, o siríaco é muitas vezes usado para se referir a todos as línguas do aramaico Oriental faladas por vários grupos de cristãos, em sua maior parte específica, se refere a língua clássica de Edessa, que se tornou a língua litúrgica do cristianismo sírio.

desenvolvimento e expansão da Igreja Siríaca. De acordo com Runciman (2003), as Igrejas Ortodoxas Orientais, consideradas, à época, monofisistas e, por isso, heréticas, não podiam gozar de nenhuma proteção do estado. Mais tarde, por conta da invasão árabe, muitos cristãos sírios-ortodoxos deixaram o cristianismo pelo Islã, fazendo da Síria, um século depois, um país predominantemente muçumano (p. 32-33).

Na verdade, a Igreja Ortodoxa Síria sempre considerou as duas naturezas de Cristo; nunca negou nenhuma delas. Nos últimos anos, pudemos constatar, no âmbito ecumênico do diálogo ecumênico, que os papas Paulo VI e João Paulo II e os chefes das Igrejas Ortodoxas Orientais emitiram profissão de fé cristológica comum, e, mais recentemente o papa Bento XVI⁶, na mesma via ecumênica, pede, constantemente, que as Comissões Teológicas de ambas as Igrejas possam aprofundar outras questões, a fim de que as Igrejas Orientais Ortodoxas e a Igreja Católica Romana cheguem, definitivamente, a plena unidade.

As Igrejas Ortodoxas Orientais e a Igreja Católica Romana consideram que aquele cisma aconteceu por conta de problemas de ordem linguística e de interpretação cultural, e não por diferenças substanciais na fé cristológica, pois as Igrejas Orientais Ortodoxas sempre reconheceram, no seu percurso histórico, **tanto a humanidade como a divindade de Jesus**⁷. Segundo Dupuis (2004),

Tais declarações e profissão de fé comum evidenciam que as Igrejas acima mencionadas comungam com a Igreja Católica Romana a mesma fé cristológica, embora em sua exposição evitem expressões controversas – *máxime* fórmula calcedônia das “duas naturezas” – ou terminologia própria de uma das partes. Existe, hoje, a convicção de que os cismas do passado não foram provocados por diferenças substanciais na fé cristológica, mas muito mais por divergências de linguagem, de cultura e de formulações tecnológicas. Essa lição de ecumenismo prático comprova, com um exemplo concreto, que a mesma fé cristológica pode ser expressa de várias formas, dependendo dos diversos contextos culturais e históricos. É possível o pluralismo dogmático na unidade da fé. (DUPUIS, 2004, p. 132).

Conforme se evidenciou, no excerto acima, as Igrejas Ortodoxas Orientais (Copta, Armênia, Siríaca, Malankara, Etíope e Eritréia) são chamadas de “ritos

⁶ Perspectivas sobre a união com os Ortodoxos Calcedonianos e Pré-calcedonianos têm aumentado significativamente nos últimos anos com o pontificado do Papa Bento XVI, principalmente porque seu trabalho teológico desperta grande admiração entre os ortodoxos.

⁷ Apesar das expressões diferentes (cânone 8), são iguais na intenção e na doutrina a “natureza única” de Cirilo e as “duas naturezas” de Calcedônia [...] Em outras palavras, a natureza humana subsiste na *hypostasis* do Verbo e não constitui um sujeito diferente. Ou, avançando mais, vale dizer que o Verbo comunica sua existência pessoal à humanidade de Jesus, no qual ele se “humanizou” verdadeiramente. In. DUPUIS, 2004, p. 130.

não-calcedônicos” e, comumente, de “monocrísticas”, referindo-se a “única natureza” (divino-humana) de Cristo. No ocidente, essas Igrejas “errônea” e “comumente” são chamadas pelos historiadores de “Igrejas Monofisistas”, mas, na realidade, são auto-denominadas de “miafisitas”, do gr. *mónos* (única) + *phýsis* (natureza), isto é, “única natureza (divino-humana) unida” de Cristo. Esse termo difere-se, portanto, do “monofisismo histórico” do século V, elaborado por Eutiques. No “monofisismo” de Eutiques, o ensinamento é de que a natureza divina absorveu a natureza humana de Cristo, enquanto que, na doutrina do “miafisismo” (ou miofisismo), em Jesus Cristo, só há uma natureza divina e humana em conjunto. Nesse sentido, a natureza de Cristo é única, isto é, MONOCRÍSTICA, fruto da união entre o humano e o divino. Se Cristo é uma pessoa da Trindade, Ele deve ser, necessariamente, de uma natureza, uma vez que, na *compreensão* teológica da Igreja Ortodoxa Síria, duas naturezas constituem duas pessoas.

3. A Igreja da Síria: Ressurgimento

Entretanto, na Idade Média, houve um grande reavivamento intelectual dentro da Igreja Ortodoxa Síria, quando a comunidade adquiriu florescentes escolas de teologia, filosofia, história e ciência. Naqueles gloriosos tempos, a Igreja Siríaca Ortodoxa compreendia 20 Sedes Metropolitanas e 103 dioceses estendidas desde o distante Oriente (Afeganistão). Houve também evidências de comunidades sirianas sem bispos em zonas tão distantes como no Turquestão e Sinnkiang. Todavia, um dos fatores que contribuiu para a decadência da Igreja foram as invasões da Mongólia dos finais do século XIV que destruíram grande parte de seus templos e monastérios.

Esses acontecimentos nos permitem, à luz da história, perceber que a Igreja Ortodoxa Síria foi muito perseguida durante e depois da I Guerra Mundial, quando os turcos começaram uma onda de perseguição, matando uma grande parte da população no oriente do país. De fato, essas perseguições ocasionaram um êxodo populacional que dispersou grande parte das comunidades siríacas.

Se, por um lado, os ortodoxos siríacos estão inseridos dentro de outro contexto histórico-religioso que não só lhes garante certo reconhecimento de sua fé, mas de serem vistos com um novo olhar pelos grupos religiosos que, no passado, os havia denominado como hereges por conta dos desentendimentos cristológicos dos três primeiros concílios ecumênicos. Por outro, a questão da guerra na Síria tem desencadeado uma enorme

preocupação, principalmente em relação a destruição, tanto do patrimônio histórico quanto da diminuição e, novamente, a imigração de cristãos ortodoxos para outros países. Além disso, a guerra tem corroborado para a diminuição de cristãos, no Oriente Médio, pois, há um aumento significativo do número da religião islâmica em detrimento do decréscimo do número de cristãos.

A Igreja Ortodoxa Siríaca faz parte das Igrejas Ortodoxas Orientais ou pré-calcedonianas, um grupo das Igrejas Ortodoxas Orientais mais antigas do cristianismo missionário primitivo e são, respectivamente, a Igreja Copta do Egito, a Igreja da Etiópia, a Igreja da Armênia e, finalmente, a Igreja Ortodoxa Siríaca.

O patriarcado de Santo Inácio de Antioquia proporcionou aos seguidores do cristianismo oriental, de modo especial, à Santa Sé Antioquia, um novo vigor missionário. De fato, Antioquia passou então a ser considerada a segunda capital da Igreja, depois da Igreja-Mãe de Jerusalém, tornando-se elo à maioria das Igrejas do Oriente e modelo cristão para todos os cristãos. Doravante, muitos bispos, padres e comunidades cristãs seguiram os exemplos da Igreja de Antioquia e dos seus ofícios litúrgicos, bem como os exemplos da vida monástica, apesar de pertencer às tradições, culturas e crenças variadas. Adotou como língua oficial da religião o idioma siríaco⁸ (aramaico moderno) que foi bastante usado pelo povo comum. Outras comunidades foram estabelecendo-se fora do Império Bizantino, mais concretamente na região da Persa.

A Igreja Ortodoxa Siríaca adota a Liturgia de São Tiago, primeiro bispo de Jerusalém, é preservada em todos os seus detalhes com alguns acréscimos ao longo do tempo. Ela está presente em muitos locais Sagrados do mundo cristão. Nesses lugares preservam antigas relíquias da história do cristianismo. Em Homs, na Síria, na Igreja de Santa Maria, a Igreja conserva o cinturão da Santíssima Virgem Maria que, segundo a tradição, no momento da sua assunção aos céus, fora deixado na terra.

A conquista do território pelo Império Persa, e mais tarde pelos Árabes, terminou com a perseguição exercida pelos bizantinos, criando condições desfavoráveis para o

⁸ Siríaco (*Leshana Suryaya*) é uma língua do aramaico Oriental uma vez que foi muito falada em todo o Oriente Médio antigo. Foi uma grande língua literária em todo o Oriente Médio a partir do segundo até o oitavo século d.C. Na sua definição mais latente, o siríaco é, muitas vezes, usado para se referir a todos as línguas do aramaico Oriental faladas por vários grupos de cristãos, em sua maior parte específica se refere à língua clássica de Edessa que se tornou a língua litúrgica do cristianismo sírio.

desenvolvimento e expansão da Igreja Siríaca. De acordo com Runciman (2003), as Igrejas Ortodoxas Orientais, consideradas, à época, “monofisistas” e, por isso, “heréticas”, não podiam gozar de nenhuma proteção do estado. Mais tarde, por conta da invasão árabe, muitos cristãos sírio-ortodoxos deixaram o cristianismo pelo Islã, fazendo da Síria, um século depois, um país predominantemente mulçumano (p. 32-33).

Entretanto, na Idade Média, houve um grande reavivamento intelectual dentro da Igreja Ortodoxa Siríaca, quando a comunidade adquiriu florescentes escolas de teologia, filosofia, história e ciência. Naqueles gloriosos tempos, a Igreja Ortodoxa Siríaca compreendia 20 Sedes Metropolitanas e 103 dioceses estendidas desde o distante Oriente (Afeganistão). Houve também evidências de comunidades sirianas sem bispos em zonas tão distantes como no Turquestão e Sinnkiang. Todavia, um dos fatores que contribuiu para a decadência da Igreja foram as invasões da Mongólia dos finais do século XIV que destruíram grande parte de seus templos e monastérios.

Ademais, culturalmente, os sírio-ortodoxos pré-calcedonianos têm uma forte tradição monástica, embora muitos poucos monastérios puderam sobreviver a tanta perseguição permanecendo somente uns poucos na Província Turca de Mardin e outra parte do Oriente Médio. Atualmente, há três monastérios na diáspora localizados na Holanda, Alemanha e na Suíça.

4. Da Diáspora ao Contexto Missionário

Atualmente, os sírios-ortodoxos estão inseridos dentro de outro contexto histórico-religioso que não só lhes garante certo reconhecimento de sua fé, mas de serem vistos com um novo olhar pelos grupos religiosos que, no passado, os havia denominado como hereges por conta dos desentendimentos cristológicos dos primeiros concílios ecumênicos.

Nas décadas de 50 e 60, muitos tiveram que emigrar do Iraque e da Síria para o Líbano. No Iraque, eles se mobilizaram desde o norte da cidade de Mossul a Bagdá. A destruição mais séria desta comunidade aconteceu no Sudeste da Turquia, quando era uma numerosa comunidade, restando ali apenas um pequeno grupo de ortodoxos siríacos. No final do século XIX e meados do século XX, muitos emigraram para a Europa Ocidental e para as Américas por razões políticas e econômicas.

Os primeiros imigrantes sírios e libaneses entraram no Brasil em 1871 por conta do Império Otomano. Tradicionalmente, acredita-se que a Igreja Ortodoxa Siríaca esteja presente, ainda que não-fisicamente, no Brasil desde 1860, por conta do número de imigrante. Segundo Knowlton (s/d), “muitos dentre os primeiros imigrantes vieram ao Brasil porque não conseguiram entrar nos Estados Unidos. Outros vieram julgando que o país oferecia melhores oportunidades econômicas, ou para reunir-se aos parentes e amigos que já se encontravam aqui” (p. 183).

De acordo com Knowlton (s/d), “No próprio Brasil, os sírios e libaneses estão estabelecidos em quase todos os centros urbanos, desde os complexos comerciais e industriais em vias de transformação rápida do Rio e de São Paulo, até os centros menores de negócios no interior do país. Uma série comparada de estudos sobre os sírios e libaneses em cidades pequenas e grandes de diferentes tipos forneceria dados ecológicos úteis (p. 189).

Os imigrantes sírio-libaneses que aqui chegaram eram, segundo Truzzi (1997), compostos de católicos maronitas e cristãos ortodoxos. Knowlton (s/d) afirma que 66,9% dos imigrantes eram sírios e 64,5% dos libaneses eram católicos (romanos, maronitas, católicos latinos, e católicos uniatas). Os não-católicos formavam o grupo onde se encontravam os greco-ortodoxos e a minoria pré-calcedoniana somavam 33,1% dos sírios e 35,5% dos libaneses.

Na América Latina, de modo especial, no Brasil e na Argentina, sob a denominação de Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, havia, até o ano de 1982, oito comunidades sírias ortodoxas de origem oriental (FILHO, 2001). Essas “Paróquias” eram denominadas “Igrejas de colônia” ou “tradicional”, pois são destinadas, preferencialmente, aos sírios ortodoxos e seus descendentes que aqui chegaram com o objetivo de preservação e conservação de suas tradições religiosas.

Esse ramo tradicional das Igrejas de imigração fora estabelecido com a construção da primeira Paróquia de São João Batista, em São Paulo, em 1951. Mais tarde, em 1959, inaugurou-se a Paróquia de São Pedro, em Belo Horizonte, MG. Nos anos de 1962, foi lançada a pedra fundamental da Catedral de São Jorge, em Campo Grande – MS. No ano de 1981, inaugurou-se, também em São Paulo, a última Igreja tradicional com o nome de Paróquia de Santa Maria. Somente em 1983, com a criação de uma Missão entre os brasileiros, fundada por Mor Crisóstomo, a ortodoxia siriana se estendeu aos demais brasileiros.

Em 1983, a partir da Bula Patriarcal 128/1983, o arcebispo Mor Crisóstomo Moussa Matamos Salama, inicia, no Brasil, uma missão evangelizadora aos brasileiros, abrindo as portas da Igreja Ortodoxa Siríaca para todos os interessados, sem qualquer discriminação. Alguns padres que ingressaram na Igreja Sirian Ortodoxa vieram da Igreja Romana, Anglicana e, alguns de pastores de comunidades evangélicas, sendo, posteriormente, após um período de formação, ordenados pelo arcebispo Mor Crisóstomo. Na verdade, a missão siríaca evangelizadora no Brasil teve forte influência da experiência vivida por Mor Moussa no campo missionário da Índia, pois lá havia desenvolvido um excelente trabalho missionário.

A retomada do espírito antioquino missionário, quase esquecido pela Igreja Ortodoxa Siríaca, mesmo contrariada por algumas pessoas com ideais chauvinistas e pertencentes à Igreja Tradicional (isto é, de colônia), levou o Patriarca, numa decisão sinodal, a separar, em dois ramos, a arquidiocese no Brasil: um *tradicionalista*, sob a administração direta do patriarca, e o outro *missionário*, sob a administração episcopal de Mor Crisóstomo Moussa Matamos Salama. Dessa forma, a Igreja Ortodoxa Siríaca no Brasil, por conta de sua índole missionária e estar aberta à evangelização de brasileiros, foi, então, autointitulada pelo nome de “Igreja de Missão” e, conseqüentemente, as Igrejas Tradicionais, chamadas de “Igrejas de Colônias”.

Em 1998, Suas Eminências Reverendíssimas Mor Kirillos Efrém Karim, arcebispo do Leste dos Estados Unidos da América do Norte e Mor Sevério Malke Murad, arcebispo de Jerusalém, estiveram no Brasil, designados pelo Santo Sínodo para acompanhar as resoluções anteriores acerca da “Igreja Missionária”. Em entrevista ao Jornal Suryoye (1998), Mor Kirillos Efrém Karim fez menção ao serviço missionário no Brasil, dizendo que:

Com a imigração, a Igreja encontrou esperança e agora pode voltar-se ao serviço missionário novamente. Mas devemos planejar o serviço missionário e deve acontecer naturalmente com o suporte das Igrejas Tradicionais. Nos últimos anos tivemos vários exemplos de agregações precipitadas e que não tiveram continuidade. Nesta nossa visita a estas igrejas ditas agregadas no Brasil, em verdade ainda estamos estudando a situação de fato e posteriormente apresentaremos um parecer ao nosso Santo Sínodo (SURYOYE, ano III, n. 18, 1998).

Desde 1996, após o falecimento de Mor Crisóstomos Moussa Matanos Salama, a “Igreja de Missão” passou a sofrer tensões internas, formando-se “[...] dois principais ramos: um voltado à missão, que buscava nacionalizar a Igreja; outro, voltado à tradição, que buscava manter as características etnocêntricas da tradição sírio-ortodoxa. Isso porque os grupos de etnia síria que vieram ao Brasil na diáspora foram, em meados do século XX, constituindo-se comunidades, sendo formadas associações com seus respectivos estatutos de conselhos administrativos, no propósito de subsidiar as atividades religiosas e a vinda de futuros padres sírios. A partir de 1983, com o surgimento da Igreja de Missão, isto é, da Igreja voltada aos brasileiros, o bispo Mor Crisóstomo Moussa dedicou-se, exclusivamente, as estas igrejas recém formadas por um clero genuinamente brasileiro, contribuindo para um distanciamento cada vez maior entre o grupo de Igrejas tradicionais pertencente tanto à cultura quanto à religião tradicionalmente siríaca em relação ao grupo de Igrejas e seus respectivos religiosos que surgiam em território brasileiro. Por conta dessa tensão, oriundas das décadas de 80 e 90, e, no propósito de melhor organizar as Igrejas de Missão, o patriarca Mor Ignatius Zakka I Iwas nomeou, em 2000, o padre Paulo Georges Hanna (atual Núncio Apostólico) como representante patriarcal para supervisionar a missão da Igreja em terras brasileiras. De acordo com a Bula Patriarcal n. 169/2000, o padre Paulo Hanna fora, à época, enviado, “na qualidade de Representante Patriarcal, para gerir os assuntos da comunidade de evangelização no Brasil e demais países da América do Sul” (BULA PATRIARCAL, n. 169/2000). À época, esperava-se que o padre Paulo Hanna conseguisse obter o apoio dos dois ramos, a fim de manter a unidade, mas teve que retornar à Síria, ficando a “Igreja de Missão” sem nenhum representante patriarcal até o mês maio de 2007.

Nesse ínterim, de tempos em tempos, a Igreja no Brasil, representada pelos arcebispos Mor Leolino Gomes Neto e Mor José Faustino Filho, sempre manteve contato com S. S. Mor Ignatius Zakka I através de algum delegado patriarcal designado por ele, de modo que recebemos várias delegações com o intuito de reunir as comunidades missionárias e buscar um diálogo mais profundo, em prol da unidade. Algumas outras delegações, procederam, diretamente da Síria; outras, vieram dos Estados Unidos, mas, infelizmente nosso diálogo não se concretizava, de fato, porque, à época, nossa “A Missão entre os Brasileiros” não tinha condições de

manter qualquer delegado no Brasil, pois, desde o início, sempre foi formada por pequenas comunidades (paróquias) distribuídas em vários estados brasileiro.

Atualmente, a Igreja Tradicional está inserida em três grandes centros, com quatro comunidades, distribuídas em três capitais (São Paulo, Belo Horizonte e Campo Grande), enquanto que a Igreja Missionária é, caracteristicamente, uma Igreja periférica, presente em 16 estados brasileiros, constituída por mais de 40 comunidades, marcada, fortemente, pela diversidade cultural brasileira. Na Igreja Tradicional, enfrentamos a diminuição do número de fieis, principalmente porque, em se tratando de fieis imigrantes, seus jovens descendentes, que nasceram no Brasil e influenciados pela cultura brasileira e outros fatores, a exemplo de casamentos mistos, dentre outros, na sua maioria, não dão continuidade a tradição religiosa herdada dos pais.

Se, por um lado, Igreja Ortodoxa Siríaca no Brasil, enfrenta uma situação de esvaziamento no tocante ao número de fieis, por outro, a evangelização destinada aos brasileiros, com parte do clero advindo de outras tradições religiosas, abre a Igreja para sua vocação primeira, isto é, missionária. No entanto, apesar de que as Igrejas de Missão poder contar com a presença de um arcebispo de etnia siríaca destinado à sua administração, alguns desafios, a exemplo da falta de aprimoramento nos estudos teológicos e linguístico, são-nos, ainda, impostos, principalmente por conta do contexto de guerra na Síria.

A Igreja Ortodoxa Siríaca, presente no Brasil, ganhou, por isso, duas vertentes: tradicional e missionária. Ademais, a Igreja Ortodoxa Siríaca está, diretamente, ligada ao patriarcado Sírio, com um delegado patriarcal representante no Brasil, enquanto que a Igreja Missionária é representada pelo órgão executivo da Conferência Ortodoxa Nacional – CON, unidade eclesial e submissa à Santa Sé Patriarcal. A Igreja Ortodoxa Siríaca no Brasil é representada, conforme Bula Patriarcal n. 300/2009, pelos respectivos bispos: Mor Basílio Leolino Gomes Neto e Mor Efrém José Faustino Filho e o arcebispo e núncio apostólico Mor Tito Paulo George Hanna.

Em maio de 2009, uma delegação da Igreja Missionária do Brasil composta por 18 pessoas, liderada pelo Mons. Antônio Nakkoud, delegado patriarcal e acompanhada pelas Eminências Mor Leolino Gomes Neto e Mor José Faustino Filho, esteve reunido com o Patriarca, Sua Santidade Mor Moran Ignatius Zakka I, em Damasco, Síria. Este encontro resultou em uma Bula Patriarcal, cujas palavras de Sua Santidade, assim se expressam:

(...) tratamos a expansão da Igreja Missionária no Brasil, desde o ano de sua fundação (1983) até o presente momento, seu zelo pelas tradições da nossa Igreja Sirian Ortodoxa, sua fidelidade canônica a nossa Cátedra Petrina e seu amor a nossa língua oficial da Igreja, o Aramaico (BULA PATRIARCAL n. 300, 2009).

Entre os dias 14 a 20 de maio de 2009, durante nossa visita ao patriarcado Siríaco Ortodoxo de Antioquia, em Damasco (Síria), houve, oficialmente, o reconhecimento da “Igreja Missionária” no Brasil. O sonho do nosso missionário-fundador Mor Crisóstomo Moussa Matanos Salama, cuja visão vislumbrava uma Igreja de tradição siro-ortodoxa voltada aos brasileiros torna-se realidade.

Em 2012, no dia 19 de fevereiro, Sua Santidade, o Patriarca Mor Ignatius Zakka I Iwas sagrou, no Mosteiro de Santo Efrém Sírio Bmarh, o padre Paulo George Hanna bispo para a Igreja (Missionária) Sirian Ortodoxa de Antioquia no Brasil. O então Núncio Apostólico, Arcebispo Mor Tito Paulo George Hanna foi designado por Sua Santidade para atuar como supervisor da ação missionária da Igreja no Brasil. Nossa esperança é de que sua presença, no Brasil, possa corroborar para dirimir eventuais discrepâncias no que diz respeito à tradição litúrgica ortodoxa siríaca.

A Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil é, por sua natureza e origem, uma Igreja “Tradicional” e “Missionária”. Entretanto, quando apresentamos as terminologias “Igreja Missionária” de “Igreja Tradicional” não queremos, em hipótese nenhuma, diferenciá-las em seus aspectos intrínsecos, desmerecer ou valorizar uma em detrimento de outra porque ambas estão diretamente ligadas ao Patriarcado Siro-Ortodoxo de Antioquia, mas distingui-las apenas em seus aspectos etnocêntricos. Isto é, a primeira formada, genuinamente, por fieis de origem brasileira, enquanto que a segunda, por membros-fieis de origem siríaca.

Por outro lado, isso não impossibilita que o fiel (seja ele brasileiro ou siríaco) participe como membro efetivo em ambas, o que é comum entre nós. Em Belo Horizonte, por exemplo, um dos padres ortodoxos brasileiros é, atualmente, o pároco da Paróquia (colônia) de São Pedro. Entretanto, por conta de um Brasil de formação social, cultural e cristã e, especificamente, pelo seu caráter ecumênico, no momento atual, a Igreja Missionária tem maior destaque, levando em consideração que ela está aberta e voltada aos diversos contextos e realidades brasileiras.

De acordo com Mor Crisóstomo Moussa Mattanos Salama, a Igreja Ortodoxa Siríaca, em terras brasileiras, precisava reassumir os seus sagrados compromissos ecumênicos e missionários, isto é, [reviver] os grandes ideais de seus primeiros

missionários Pedro e Paulo e demais apóstolos, “para a obra que foi lhe destinada” (At 13, 2). Segundo Salama (1993), a Igreja Ortodoxa Siríaca, destinada aos brasileiros, deveria dar conta de levar a tradição ortodoxa siríaca, sem, todavia, perder sua originalidade, tanto na tradição litúrgica quanto na sua teologia.

Considerações Finais

Desse modo, a Igreja Ortodoxa Siríaca no Brasil, voltada aos brasileiros, desde o início da década de 80, destacou-se por sua vertente missionária, abrangendo, portanto, alguns estados desses enormes brasis. Se por um lado, a Igreja Tradicional buscou preservar seus grupos étnicos, e, por essa razão, acabou limitando-se em três comunidades no Brasil, a Igreja “Missionária”, desde seus primórdios, sempre sinalizou para sua vocação evangelizadora, isto é, levar a mensagem de Cristo às diversas realidades brasileiras através da sua liturgia, da palavra de Deus e, principalmente, do testemunho de fé na Igreja. Nesse sentido, e por conta dessa abertura aos brasileiros, naturalmente, algumas diferenças acabaram surgindo.

Muitas vezes, deparamo-nos com alguns do clero que se dizem missionários, mas não são vocacionados e a missão acaba sendo comprometida. Dessa forma, a finalidade da Missão é tornar conhecido o Evangelho de Cristo, o Evangelho da vida, da verdade e da salvação, em todo o mundo, a fim de que todos cheguem ao conhecimento da verdade que é Cristo Salvador. “[...] Cabe, portanto, à Igreja viver a sua missão com ardor, paixão e entusiasmo, porque sua missão é a própria missão de Deus” (NAKKOUD, 2010, p. 69) porque Ele nos quer unidos e não divididos (I Cor 1, 13).

Obviamente, o termo Igreja de “Tradição” ou de “Missão” impõe-nos limites na ação evangelizadora da Igreja, principalmente porque a “missão” de evangelizar é um atributo inerente a ambas vertentes. Eis, pois, algumas problemáticas e desafios a serem enfrentados. Por um lado, o que nos preocupa, é que alguns membros do clero, às vezes, por falta de uma sólida base teológica siríaca e verdadeiro espírito de conversão, abraçaram, equivocadamente, a fé siríaca-ortodoxa, buscando, talvez, nessa tradição, viver um tipo de catolicismo romano frustrado que, por conta das circunstâncias, não puderam, naquela tradição, vivê-lo. Por outro lado, os candidatos ao clero não são assistido, no seminário no Brasil, por professores de etnia siríaca, cujo aprendizado da língua é condição *sine qua non* para a continuidade das comunidades siríacas ortodoxas

no Brasil. Aqui, levamos em consideração que alguns membros do clero vieram de dois grupos teológicos, tradicionalmente, diferentes da tradição litúrgico-teológica da Igreja Ortodoxa Síriaca. Aos novos candidatos, entretanto, temos a impossibilidade, no momento atual, de uma formação mais sólida e acadêmica, principalmente, pelas reais situações financeiras, isto é, o custo para se manter um candidato na Síria é, consideravelmente, muito alto, além, sobretudo, da atual guerra que assola o país que, na atual conjuntura, impossibilita envio de novos candidatos.

Ou ainda, diante das situações atuais do mundo contemporâneo, onde, a partir do processo de envelhecimento dos imigrantes sírios e, conseqüentemente, a diminuição do número de fiéis nas Igrejas tradicionais (colônias), uma vez que, na maioria dos casos, a Igrejas tradicionais estão restritas, simplesmente, para atender as necessidades espirituais de seu público interno, relegando, para uma segunda instância, novas possibilidades de uma ação evangelizadora que seja capaz de atrair novos adeptos, uma vez que o contexto hodierno exige-nos novas posturas, posicionamentos e, sobretudo, abertura ao outro, sem, todavia, perdermos nossa identidade religiosa.

Referências

ATA da XVI Assembleia Geral da Conferência Ortodoxa Nacional, 23 a 25 de fevereiro de 2008. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

ATO DO RECONHECIMENTO MÚTUO DA ADMINISTRAÇÃO DO SACRAMENTO DO BATISMO ENTRE IGREJAS-MEMBRO DO CONIC. **Boletim do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil**. Ano 23, n. 42, dezembro de 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Trad. pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BULA PATRIARCAL n. 169/2000 de 03 de março de 2000. Disponível em: Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 128/1983. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 245/1988. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 246/1988. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 405/2001 de 19 de outubro de 2001. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. EE-273/2007 de 28 maio de 2007. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 300, 2009. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 428, 2010. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 429, 2010. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. E-300/2011 de 06 de novembro de 2011. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. E-301/2011 de 06 de novembro de 2011. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

BULA PATRIARCAL n. 159/2012 de 28 de fevereiro de 2012. Disponível em arquivo da Secretaria Geral.

CNBB. Igreja no Brasil: Assembléia realiza Celebração Ecumênica com representantes das igrejas cristãs. In.: Notícias. Boletim semanal da CNBB. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/Boletim-1208.pdf. Acesso em: 5 de junho de 2008.

CONIC. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. **Campanha da Fraternidade Ecumênica 2010**: Texto-Base. Brasília, Edições CNBB, 2009.

COMISSÃO Teológica do CONIC se reúne em Brasília. In. **CONIC**. Disponível em: Acesso em dezembro de 2010.

DAPNE – DIRETÓRIO PARA A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS E NORMAS SOBRE O ECUMENISMO. São Paulo: Paulinas, 2000.

FILHO, José Faustino. **Coletânea de Textos Teológicos sobre a Igreja Cristã Ortodoxa**. Tomo I. Goiânia: Gráfica Venâncio & Andrade, 2001.

FILHO, José Faustino. **Discurso de Mor José Faustino Filho a Sua Santidade, o Patriarca Ignátius Zakka I Iwas**. In. NAKKLOUD, Antonio. Visita Histórica à Sede Patriarcal. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 2010.

HORTAL, Jesús. **E haverá um só rebanho**. História, doutrina e prática católica do Ecumenismo. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JEDIN, Hubert. **Concílios Ecumênicos**: história e doutrina. Trad. Nicolas Bôer. São Paulo: Editora Herder, 1961.

JORNAL DO PATRIARCA. Sagração episcopal de Mor Titus Paulo George Hanna. In. **Site do Patriarca**. Disponível em: <http://www.syrian-orthodox.com/readnews.php?id=1185>. Acesso em 2012.

KALLARRARI, Celso. Ortodoxos e Católicos: “Unidade sem Autoridade!”. In. **Entretextos & Contextos**. Disponível em: <http://www.padrecelsokallarrari.com/2011/01/ortodoxos-e-catolicos-unidade-sem.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2011.

KALLARRARI, Celso. Ações das Igrejas Ortodoxas e Igreja Católica Romana. In. **Jornal Regional**. Ponta Porã, MS, 25 de janeiro de 2010.

KALLARRARI, Celso. **Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil: uma Igreja Missionária**. São Paulo: O Autor, 2010.

KALLARRARI, Celso. **O Movimento Ecumênico na Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia**. Ponta Porã: O Autor, 2009.

KALLARRARI, Celso. Comissão Teológica das Igrejas Ortodoxas Orientais e da Igreja Católica Romana. In. **Entretextos & Contextos**. Disponível em: <http://www.padrecelsokallarrari.com/2011/02/comissao-teologica-das-igrejas.html>. Acesso em 10 de novembro de 2011.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e Libaneses**. Mobilidade social e espacial. Trad. Yolanda Leite. São Paulo: Anhambi, s/d.

IWAS, S. S. Mor Ignátius Zakka I Iwas. Visita da delegação da Igreja de evangelização do Brasil à Sé Patriarcal. In. **Revista Patriarcal**, n. 284, 285, 286, v. 47, 2009, p. 232.

SALAMA, Crisóstomo Moussa Matanos. Identidade Eclesial. In. **Jornal o Estado Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS, 1993.

SOUZA, Roberto D. da Silva (Org.). Diálogo, Mariologia Oriental e os Patriarcados. **PADCO** - 5º Fascículo. Goiânia: O Autor, 1999.

NAKKOUD, Mons. Antonio. **Visita Histórica à Sede Patriarcal**. Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. Campo Grande, MS: Editora Alvorada, 2010.

SURYOYE (Jornal). **Visita de S. Emcia Mor Gregório Yohanna Ibrahim ao Brasil**. Ano II, n. 6, dezembro de 1996, p. 2-4.

SURYOYE (Jornal). **Comunidade Sirian Ortodoxa Hospeda Missão do Santo Sínodo em São Paulo**. Ano III, n. 18, nov/dez de 1998, p. 8-12.

SWAMY, K. R. N. *The lost Aramaic Bible of Syrian Christians of Kerala*. In. <http://deccanherald.com>. Tradução Allan G. Araújo. Acesso em 11 de abril de 2004.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios – sírios e libaneses em São Paulo**. 1ª. ed. Hucitec, 1997.

